

FREUD E A METAFÍSICA DA MENTE/*PSIQUÊ*

José Isaac Costa Júnior*

Resumo: Este texto visa expor a metafísica presente na obra de Sigmund Freud, através da análise do modo como o ser humano se organiza no mundo e qual o efeito deste processo sobre a *psiqué* do indivíduo. A abordagem do autor é psicanalítica e em sua obra ele estabelece a divisão da mente humana em três entidades, as quais estão por trás do agir e do pensar humano e estão relacionadas aos instintos inerentes ao homem. A análise será realizada a partir da obra *O mal-estar na civilização* em que Freud analisa como ocorre o processo civilizatório e suas consequências para o indivíduo.

Palavras chave: Freud. Metafísica. Instintos. Civilização. Mal-estar.

92

1. INTRODUÇÃO

Sigmund Freud (1856-1939), a partir de uma abordagem psicanalítica, busca entender o que move o ser humano – tanto como indivíduo quanto como parte de uma unidade maior, a humanidade. Em sua análise fica claro que tanto o desenvolvimento individual como o desenvolvimento cultural ou civilizatório do ser humano tem como base os seus instintos e o modo com o qual estes são confrontados, visto que tal confronto influencia diretamente a *psiqué* do indivíduo e as relações que este estabelece com seus semelhantes.

O trabalho de Freud é de grande relevância para uma compreensão acerca do comportamento do homem, contribuindo para o entendimento da estrutura da mente e também dos efeitos que o processo civilizacional

* Aluno do curso de licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: zej.013@gmail.com. Uma versão anterior do presente texto, com título diferente, foi apresentado na VII Semana de Filosofia, promovida pelo curso de filosofia da Uesb, realizada nos dias 15 a 19 de outubro de 2018.

exerce sobre ela. A produção do autor é voltada para a psicanálise, mas se faz relevante também em campos do saber como a Filosofia e a Sociologia, ao discutir a posição do ser humano no processo cultural, assim como o que define essa posição e no que ela implica para o próprio indivíduo.

Trataremos aqui de expor o pensamento de Freud no que tange ao que move o ser humano e ao que direciona sua organização e postura, numa análise do processo civilizatório e de como este interfere na construção da *psiqué* e, conseqüentemente, resulta no bem-estar, ou *mal-estar*, do homem. Buscaremos apontar traços metafísicos na obra do psicanalista, ou seja, os segmentos expostos pelo autor que estão além do mundo físico, ainda que influenciem este. Nesse processo abordaremos a visão de Freud acerca da qualidade da vida humana, da relevância dos instintos, das “entidades” presentes na mente e, por fim, alcançaremos a explicação acerca do efeito que a civilização tem sobre a vida humana.

2. FREUD: LOCAL DE FALA

Para melhor compreender o discurso de Freud, é lícito compreender antes o seu local de fala, o contexto que o impulsionava, como indica Olinto Pegoraro (2008, p. 9). Segundo este, Freud sempre discursa do seu escritório, e tanto a linguagem quanto o conteúdo de suas obras refletem a liberdade com a qual o autor aplicava seu método aos grandes problemas da humanidade:

[...] é preciso ter presente o tempo em que Freud fala e escreve: fim do século XIX e primeiras três décadas do século XX; neste período, na sociedade humana, ainda prevaleciam as culturas restritas ao âmbito familiar e regional; provincianos eram os costumes, práticas religiosas e convicções sociopolíticas; ainda não havia soado a hora do espírito cosmopolita. Apesar dos avanços e descobertas importantes, a ciência ainda não havia produzido os resultados fantásticos que só apareceram depois da morte de Freud. Ele fala deste lugar e deste tempo (PEGORARO, 2008, p. 9).

Dito isso, é necessário destacar duas coisas. Primeiramente, Freud se fez relevante para abordagens filosóficas e sociológicas, mas seu campo e o norte da sua escrita sempre foi a psicanálise, de modo que é natural que ao olhar filosófico, por exemplo, os escritos de Freud possam passar a impressão de que falta algo - por exemplo, o nível de rigorosidade teórica e conceitual de uma abordagem filosófica. Em segundo lugar, que o seu contexto histórico permite uma ideia a respeito de sua visão sobre a realidade.

3. A VIDA HUMANA: DIFICULDADE, DOR E BUSCA POR FINALIDADE

Freud descreve a vida humana como sendo dolorosa e de implacável dificuldade. Para ele, dado o caráter intrincado da vida humana, distinta da vida dos demais seres, são indispensáveis os paliativos: “Existem três desses recursos, talvez: poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria, gratificações substitutivas, que a diminuem, e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse gênero é imprescindível” (FREUD, 2010, p. 28).

94

O autor discute sobre a insistente busca por uma finalidade para vida humana como algo necessário e rejeita essa postura. Segundo ele, apenas a religião pode oferecer, de fato, uma resposta para tal questão e não seria injusto supor que essa questão só existe, afinal, em função dos sistemas religiosos:

A questão da finalidade da vida humana já foi posta inúmeras vezes. Jamais encontrou resposta satisfatória, e talvez não a tenha sequer. Muitos dos que a puseram acrescentaram: se a vida não tiver finalidade, perderá qualquer valor. Mas esta ameaça nada altera. Parece, isto sim, que temos o direito de rejeitar a questão. O seu pressuposto parece ser aquela humana soberba de que já conhecemos tantos exemplos. Ninguém fala sobre a finalidade da vida dos animais, a menos que ela consista em servir aos homens, talvez. Mas isso também não é sustentável, pois com muitos animais o ser humano não sabe o que fazer - exceto descrevê-los, classificá-los, estudá-los - e inúmeras espécies

animais se furtaram também a este uso, ao viver e se extinguir antes que o homem as visse. Novamente, apenas a religião sabe responder à questão sobre a finalidade da vida. Dificilmente erramos, ao concluir que a ideia de uma finalidade na vida existe em função do sistema religioso (FREUD, 2010, p. 29).

Em uma postura propositalmente menos ambiciosa, o autor questiona o que a conduta humana revela sobre a sua finalidade e a sua intenção, ao que responde: a felicidade humana – essa felicidade buscada e desejada –, que tem como base o *princípio do prazer*: perseguir o que leva ao prazer e fugir do que leva à dor. Porém, embora haja diversos modos de buscar a felicidade, vários dos quais o autor explora, nenhum deles é de fato seguro – dependem, todos, de diversas e variadas condições.

A religião, nesta perspectiva, visa oferecer um modo certo e inquestionável, através de uma concepção da realidade que se apresenta como completa e profunda – a possibilidade de alcançar uma outra realidade, superior em todas as qualidades em relação a esta na qual primeiro se encontra a humanidade. Porém, segundo Freud, isso não passa de ilusão.

Os seres humanos, de acordo com o autor, chegam a empreender conjuntamente e em grande número certas modificações delirantes na realidade, na tentativa de alcançar a felicidade. Para Freud esse desejo, assim como o comportamento que dele deriva, não passa de uma neurose – uma incapacidade de encarar a dura realidade como ela é –, e o autor considera o desejo religioso, por exemplo, como um sintoma neurótico que poderá ser superado com o tempo. Contudo, como ele atesta, quem faz parte do delírio é incapaz de percebê-lo.

4. OS INSTINTOS HUMANOS: O IMPULSO DE AMOR E CRIAÇÃO E O IMPULSO DE MORTE E DESTRUIÇÃO

Para Freud, na base do comportamento humano estão os instintos. Entre estes há dois que são responsáveis por praticamente toda ação e sentimento humano. O primeiro é o instinto voltado para o amor [sexual] e para a criação, responsável pela perpetuação da espécie, e é nomeado

por Freud de *Eros*. Este é responsável pelo desejo sexual genital, movido pela libido - a energia armazenada em uma parte da mente denominada *Id*, que será melhor descrita mais adiante. *Eros* é o centro do desejo sexual e meio mais rápido de sentir prazer:

Afirmamos que a descoberta de que o amor sexual (genital) proporciona ao indivíduo as mais fortes vivências de satisfação, dá-lhe realmente o protótipo de toda felicidade, deve tê-lo feito continuar a busca da satisfação vital no terreno das relações sexuais, colocando o erotismo genital no centro da vida. Prosseguimos dizendo que assim ele se torna dependente, de maneira preocupante, de uma parte do mundo exterior, ou seja, do objeto amoroso escolhido, e fica exposto ao sofrimento máximo, quando é por este desprezado ou o perde graças à morte ou à infidelidade (FREUD, 2010, p. 64).

O segundo instinto que Freud estabelece em sua teoria é o impulso de morte e destruição, o qual diz respeito à tendência natural e inerente ao ser humano à agressividade descabida em relação aos objetos externos, motivando sua inclinação à violência. Esse segundo instinto se opõe ao primeiro, levando à dissolução aquilo que *Eros* une; este fortalece os laços sociais, aquele os destrói. Diz o autor:

96

Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, concluí que deveria haver, além do instinto para conservar a substância vivente e juntá-la em unidades cada vez maiores, um outro, a ele contrário, que busca dissolver essas unidades e conduzi-las ao estado primordial inorgânico. Ou seja, ao lado de *Eros*, um instinto de morte. Os fenômenos da vida se esclareceriam pela atuação conjunta ou antagônica dos dois (FREUD, 2010, p. 86).

Freud explica que esses instintos podem ser convertidos através do que ele chama de *sublimação*, um processo pelo qual a energia libidinal é redirecionada para ações distintas das naturais e consideradas, talvez, “mais finas e elevadas”:

Outra técnica de afastar o sofrimento recorre aos deslocamentos da libido que nosso aparelho psíquico permite, através dos quais sua função ganha muito em flexibilidade. A tarefa consiste em deslocar de tal forma as metas dos instintos, que eles não podem ser atingidos pela frustração a partir do mundo externo. A sublimação dos instintos empresta aqui sua ajuda. O melhor resultado é obtido quando se consegue elevar suficientemente o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual. Então o destino não pode fazer muito contra o indivíduo (FREUD, 2010, p. 35).

Em linguagem psicanalítica há, portanto, dois instintos destacados por Freud, *Eros* e o instinto de morte, os quais são de extrema relevância para a vida humana e transbordam o nível pessoal desaguando na organização da sociedade. Freud explicita também um processo pelo qual é possível redirecionar essas pulsões, redirecionando a energia libidinal para outros fins - ou antes para outros meios buscando a sempre presente finalidade, a felicidade. Essas pulsões, assim como o processo de sublimação, são fundamentais para compreendermos como a mente humana se organiza.

97

5. AS ENTIDADES DA MENTE: EU, SUPER-EU E ID

Freud considera a mente a partir de três entidades: o Eu (Ou Ego), o Super-eu (Ou Super-ego) e o Id. Conforme amadurece, o ser humano expande a sua noção infantil da realidade - que, inicialmente, não distingue entre o próprio ser e o resto do mundo -, fazendo uma divisão entre o Eu - dimensão interior e pessoal - e o exterior, a parte da realidade onde se encontram os objetos com os quais o Eu se relaciona.

Freud considera que o instinto agressivo do ser humano, através dos mecanismos inibidores - estes criados pela civilização -, é internalizado e dirigido contra o próprio Eu e canalizado por uma parte deste que o autor denomina Super-eu; esta parte age como a consciência moral do indivíduo e é responsável por promover o sentimento de culpa de modo independente dos causadores primários, ou seja, independente da

autoridade externa. O sentimento de culpa presente no Super-eu também pode ter sua origem, segundo Freud, no assassinato do pai primitivo pelo bando de irmãos, sendo, portanto, uma origem de ordem filogenética: ainda que as novas gerações não efetivem o assassinato do pai, permanecerá a culpa mesmo que apenas pelo impulso de fazê-lo.

Em suma, Freud apresenta a mente humana como um misto de três entidades psíquicas: o Eu é a parte consciente do ser humano, que se reconhece a partir do amadurecimento como algo separado da realidade externa; o Super-eu é como uma repartição dessa consciência, que assume lugar de autoridade vigilante na *psíqué* humana e impõe à ela o sentimento de culpa; e o Id, por sua vez, é a parte inconsciente da mente, na qual está armazenada a energia libidinal que é empregada pela pulsão de vida e morte ou pela sublimação destes instintos.

6. O PROCESSO CIVILIZATÓRIO E SEU EFEITO SOBRE O INDIVÍDUO

Cabe primeiramente definir o que Freud tratava por civilização ou cultura - visto que ele não distinguia os dois termos em sua escrita. Para o pai da psicanálise, civilização era o conjunto de atividades e recursos com finalidade de controlar a natureza em prol da humanidade e fazer manutenção das relações entre os seres humanos. Veridiana Canezin Guimarães, em seu livro *Sujeito e cultura em O mal-estar na civilização*, sintetiza a relação e a consequente integração dos termos *civilização e cultura*:

A dimensão material da vida social (civilização) - a técnica, a economia e as instituições sociais - e a dimensão simbólica e espiritual das instituições humanas (cultura) - a religião, a ciência, a arte - não se justificam como dimensões isoladas, pelo contrário são entendidas na perspectiva de que ambas se articulam entre si, o que retira a possibilidade de serem colocadas em uma relação de hierarquia, com ênfase valorativa (Rouanet, 2003). Dessa forma, a materialidade técnica não se distancia do que constitui o espírito dos homens, porque, necessariamente, há uma interdependência entre esses fatores.

Assim não há distinção entre cultura e civilização (GUIMARÃES, 2011, p. 27).

Freud vê nos efeitos do processo civilizador um poderoso mecanismo de censura e controle dos instintos e impulsos que são inerentes ao ser humano, dentre os quais apresentam particular relevância e impacto o instinto libidinal de amor [sexual] e o instinto de morte e de agressão. A restrição ou limitação desses poderosos instintos afeta diretamente o indivíduo, causando um mal-estar, cujo permanente incômodo se opõe ao ser humano e é a causa de sua miséria.

O processo civilizatório exige o sacrifício total ou parcial dos instintos que movem o indivíduo e, neste contexto, o ser humano tem de abrir mão de parte da sua potencial felicidade e se contentar com a obtenção de um certo nível de segurança, alcançando a possibilidade de vida social e colaborativa, como descreve a estudiosa:

Freud (1930) reconhece que a cultura é sempre a indicação da possibilidade de satisfação, no entanto ela é insuficiente em virtude da própria condição da vida em sociedade. Há um impasse ou tensão permanente, pois, ao mesmo tempo em que o outro indica o limite, o impedimento da satisfação, o outro é a única possibilidade de gratificação - parcial - dos impulsos libidinais. A radicalidade da elaboração teórica de Freud, no ensaio de 1930, acerca do homem na civilização revela-se também na descontinuidade entre as exigências pulsionais e a cultura. A única possibilidade de relação está sob a égide do conflito, e as experiências e os destinos subjetivos têm a marca desse conflito (GUIMARÃES, 2011, p. 21).

99

Para Freud, os instintos de amor e morte têm papel fundamental no modo como o processo cultural humano se desenvolve. O instinto do amor sexual se vê, em parte, limitado em questões de legitimidade e quantidade através de tabus e convenções sociais. Por outro lado, é redirecionado de modo a inibir sua meta sexual, sendo então responsável pela formação de laços sociais de amizade e de outras naturezas, os quais

motivam a integração do ser humano no meio social de uma forma que o simples interesse no trabalho em comum não seria capaz de fazer.

O instinto de morte, em contrapartida, é não apenas internalizado no Super-eu e, portanto, motivador da culpa e do desconforto pelo qual o ser humano civilizado passa, como também o maior inimigo da cultura e o maior obstáculo que se opõe ao processo civilizatório, ao promover a agressividade. Assim, para Freud, esse processo se dá através de um constante embate entre essas duas forças: Eros e o impulso de morte, pulsão criadora e unificadora contra pulsão destruidora e divisora.

Cabe esclarecer que Freud não se posiciona a favor da dissolução da civilização pela restituição de um modo de vida primitivo, voltado para a liberdade instintual. Como ele mesmo ressalta, nas organizações primitivas não havia liberdade total para todos, mas apenas para os chefes das famílias ou das tribos, enquanto o restante da população, mais comumente, vivia de modo submisso. Além disso, não seria significativo para o homem ter tamanha liberdade para perseguir os impulsos instintivos tendo como consequência uma completa incerteza de por quanto tempo ele poderia tirar proveito dessa condição. A civilidade não é um sacrifício vazio, mas sim uma troca de prioridades que visa maior segurança e estabilidade para a humanidade. 100

Diante da função coercitiva da cultura, há, certamente, uma resistência à cultura. Segundo Roudinesco (1998), Freud aponta uma possível explicação, mas não se arrisca a justificá-la, pois entende que ela se fundamenta no esquecimento do caráter protetor da cultura. Esse esquecimento é, antes de tudo, o da já antiga constatação de Hobbes (1588-1679), confirmada por Freud, de que *o homem é o lobo do homem* (GUIMARÃES, 2011, p. 30, grifos da autora).

O fato é que o ser humano nunca vive plenamente dentro da civilização, mas tampouco vive fora dela. A vida civilizada é o preço que se paga por mais segurança e por maiores desenvolvimentos - visto que a tecnologia e demais conquistas humanas são possíveis apenas no meio civilizado. O autor clama, sim, o direito de expor a imperfeição da

civilização atual – não como inimigo da cultura, mas com esperança de introduzir mudanças satisfatórias com o tempo.

7. Conclusão

Sigmund Freud analisa o processo civilizatório da humanidade por uma perspectiva psicanalítica e sua análise soma-se a outras tradicionais desse evento que, mais frequentemente, tem maior enfoque histórico ou social. Através da sua teoria psicanalítica é possível observar o desenvolvimento humano – seja na esfera individual ou na coletiva – através de um pressuposto pouco visível que explica o porquê do ser humano agir como age e se organizar como se organiza.

Foi exposta nesse texto, após definir o local de fala do autor abordado, a visão de Freud acerca da vida humana e sua dificuldade, assim como sua aparente finalidade, a felicidade; dos instintos humanos e o modo como estes se relacionam e afetam o indivíduo e a unidade coletiva; as entidades da mente estabelecidas na teoria de Freud e seu papel na *psiqué* humana; os efeitos do processo civilizatório no indivíduo humano: o mal-estar que assola a civilização. 101

Freud não se ocupou de fato da metafísica enquanto um campo do conhecimento ou da especulação; além disso, sua preocupação não era de cunho filosófico e tampouco o foi a sua abordagem: a reflexão que o autor faz em seu texto *O mal-estar na civilização* é voltada para a explicitação da estrutura da *psiqué* humana e para os efeitos desta sobre seu exterior. A mente humana, contudo, não se encontra nos limites da física: pelo contrário, é uma representação *metafísica*, uma entidade que incorpora o que o ser humano é além do seu próprio corpo físico. Esse é o traço ao qual este trabalho se dedica, e aos que dele decorrem, ou seja, as várias manifestações da mente – suas repartições, os impulsos e a energia que influem dela e sobre ela, bem como as consequências práticas que ocorrem no “mundo exterior” a partir desse “mundo interior”.

É lícito afirmar que aqui foi cumprido o que foi proposto: uma exposição acerca da perspectiva de Freud sobre o que move o ser humano e sua organização no mundo, assim como o funcionamento de certas características do indivíduo e do seu processo cultural, contando

também com a explicação de qual e de como ocorre o efeito desse processo no homem.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização. Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930-1936].** São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Obras completas v. 18).

GUIMARÃES, Veridiana Canezin. **Sujeito e Cultura em O Mal-Estar na Civilização.** Goiás: Editora da PUC, 2011.

PEGORARO, Olinto A. **Freud, ética e metafísica: o que ele não explicou.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

José Isaac Costa Júnior

<http://lattes.cnpq.br/8665997302962792>

102